

As rotinas produtivas e as experiências da TV Cabo Branco na cobertura dos protestos em João Pessoa

Roberta Matias¹
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O artigo em questão relata como os profissionais da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo em João Pessoa, organizaram a cobertura do protesto por melhoria no transporte coletivo, serviços de educação, saúde e postura dos políticos, realizado em João Pessoa no dia 20 de junho de 2013. Contemplaremos as rotinas vivenciadas pelos jornalistas e técnicos da TV Cabo Branco, no período de 18 a 21 de junho de 2013. Detalharemos o planejamento, a abordagem e o conteúdo elaborados no período. Para além das rotinas produtivas, também trataremos de questões subjetivas relativas a essa cobertura, como os sentimentos e as experiências dos editores, chefes de redação, produtores, repórteres e cinegrafistas da emissora, em especial, na tarde do dia 20 de junho de 2013, quando tudo foi preparado para garantir uma grande cobertura local que não foi ao ar.

Palavras chaves:

Jornalismo; TV Cabo Branco; manifestações

Abstract

The article in question relates how the professionals at TV Cabo Branco, affiliate of Rede Globo in João Pessoa, organized the protest coverage by improvement in public transport, education, health services and politicians ' posture, held in João Pessoa on June 20, 2013. We will contemplate the routines experienced by journalists and technicians of TV Cabo Branco, in the period of the 18 June 21, 2013. Detail planning, the approach and the content produced in the period. In addition to the productive routines, we also subjective issues regarding this coverage, as the feelings and the experiences of editors, heads of redaction, producers, reporters and cameramen of the

¹ Jornalista, editora da TV Cabo Branco e discente do Programa de Mestrado em Jornalismo Profissional da UFPB.

issuer, in particular, on the afternoon of June 20, 2013, when everything has been prepared to ensure a great local coverage that aired.

Key words:

Journalism; TV Cabo Branco; demonstrations

1. Os movimentos de junho no país

O Brasil tem vivido momentos de protesto e mobilização, desde o início de junho deste ano, mês no qual as festas juninas, normalmente, pautam os telejornais do Nordeste e quando a mídia nacional deveria estar voltada para a cobertura da Copa das Confederações². Em vez disso, o que ganhou destaque nos jornais impressos, nos telejornais, nas rádios de todo o Brasil e nas redes sociais foram as manifestações e protestos realizados em várias cidades brasileiras.

Tudo começou na primeira semana de junho. No dia 6, representantes do Movimento Passe Livre (MPL)³ foram às ruas, inicialmente em São Paulo, reivindicar a reversão do aumento da tarifa de ônibus e do metrô de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Cerca de 150 jovens manifestantes ocuparam parte da Avenida Paulista, no horário de *rush*. Era o início de um movimento que, nos dias seguintes, atraiu os holofotes da imprensa e foi se espalhando pelas principais cidades brasileiras.

A cobertura da imprensa, inicialmente, foi contra as manifestações. Entre os dias 12 e 13, os principais jornais do país, como Folha de São Paulo, Estadão e O Globo praticamente convocavam a polícia para conter os manifestantes. Os pedidos foram atendidos e, no mesmo dia, o que se viu no Rio de Janeiro e em São Paulo foi a violência da polícia contra os manifestantes, que atingiu inclusive jornalistas, que

2 A Copa das Confederações ou Taça das Confederações é um torneio de futebol, organizado pela Federação Internacional de Futebol – FIFA, entre seleções nacionais. Antes de 2005 era realizada a cada dois anos, e a partir dali, passou a ser feita a cada quatro anos. Os participantes são os seis campeões continentais mais o país-sede e o campeão mundial, com um total de oito países. Este ano o Brasil, como sede da competição, e os gastos com o evento foram motivos dos protestos deste mês de junho, pelo país.

3 MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. <http://saopaulo.mpl.org.br/> acessado em 07_07_2013.

trabalhavam na cobertura dos protestos. De acordo com o *site* Observatório da Imprensa, estaria aí a “virada na cobertura”⁴.

A partir de então, os jornais nacionais começaram a mostrar as manifestações de outra forma. Elas foram crescendo nas redes sociais, tomaram corpo e se espalharam pelo país com momentos de beleza e de tensão. O que passamos a acompanhar pelas emissoras de televisão, pelos jornais e pelas redes sociais, foram protestos reunindo multidões vestidas de branco pelas principais ruas do país pedindo melhorias nos transportes coletivos, mudanças no sistema de saúde, educação de qualidade, contra a corrupção, contra o comportamento abusivo de políticos, etc. Em contraponto, eram mostrados também pequenos grupos revoltados, que quebravam prédios públicos, enfrentavam a polícia, feriram até quem não estava participando do protesto.

Em João Pessoa, esse movimento só chegou às ruas no dia 20 de junho de 2013. Mas, a abordagem do tema na TV Cabo Branco, emissora afiliada a Rede Globo na capital paraibana, foi iniciada no dia 18 de junho de 2013 e o planejamento da cobertura para o dia da mobilização, também, passou a ser tratado, a partir do início da semana do evento, mudando as rotinas produtivas da redação de emissora, como veremos a seguir.

2. TV Cabo Branco: Planejamento e cobertura das manifestações populares do mês de junho

As manifestações em João Pessoa ocorreram no dia 20 de junho de 2013, uma quinta-feira. De acordo com a Polícia Militar, mais de 22 mil pessoas foram às ruas da cidade protestar de forma pacífica e pedir redução no valor da passagem dos ônibus, transporte público de qualidade, saúde e educação para todos. Mas, o tema manifestações e os reclames feitos pela comunidade, naquele momento, entraram em pauta na TV Cabo Branco no início da semana.

O primeiro jornal do dia 18 de junho de 2013, o Bom Dia Paraíba, trouxe em sua abertura um texto ilustrado com imagens disponibilizadas numa rede social por Paola Janaína e outras enviadas pela telespectadora Ângela Medeiros, mostrando situações de descaso com deficientes físicos e com usuários do transporte coletivo da

⁴ http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura acessado em 08/07/2013.

capital. As imagens foram relacionadas com o momento de protestos, por melhorias nos transportes coletivos e outros serviços no país.

O telejornal seguinte, o JPB Primeira Edição, que vai ao ar ao meio-dia de segunda a sábado, seguiu explorando o tema. Na terça-feira, 18 de junho de 2013, o JPB abriu espaço para discutir as manifestações, que vinham ocorrendo no país com mais força desde a semana anterior e para falar dos preparativos da manifestação local, a ser realizada na cidade dois dias depois.

O JPB Primeira Edição tem, normalmente, 38 minutos de produção, divididos em quatro blocos. De uma forma geral o programa é preparado, diariamente, com dois ou três *links*⁵, seis reportagens ou matérias⁶, uma média de quatro notas cobertas⁷, além de seis notas peladas⁸ e de uma a duas entrevistas de estúdio, estas últimas com duração média de três minutos cada. Neste dia 18, o JPB Primeira Edição teve 37'34" e aproximadamente 14 minutos foram dedicados ao tema “manifestação nacional e local”.

A pauta do início da semana foi sugerida pela editora-chefe do telejornal, Cristina Dias, e discutida na redação, num primeiro momento, com as editoras adjuntas, Roberta Matias (eu), Débora Cristina e Mirela Vasconcellos, além da chefe de produção do turno da manhã, Cláudia Richelle. A ideia era levar para o telejornal uma discussão mais aprofundada sobre os fatos ocorridos nas cidades do Sudeste do país e, além disso, trazer o tema para a realidade local.

A produção logo trouxe a informação de que o prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, anunciaria no meio da manhã a redução no valor da passagem de ônibus. A pauta chegou via e-mail, através da assessoria da Prefeitura de João Pessoa. Num primeiro momento foi definido que uma equipe de externa⁹, acompanhada do estagiário, Gilmar Lima, se deslocaria para acompanhar a coletiva, marcada para 10h da manhã, e que essa equipe gravaria sonora¹⁰ com o prefeito, explicando a decisão.

5 Quando o repórter mostra imagens em tempo real de determinado ponto da cidade e dá informações sobre um tema definido pelos editores do telejornal.

6 Forma como os jornalistas de televisão costumam chamar as reportagens mais longas com passagem e entrevistas, feitas pelos repórteres e que passam por edição de imagens e texto.

7 Textos lidos pelo apresentador e que são ilustrados na ilha de edição, com imagens ou arte, ou durante a exibição do telejornal.

8 Texto lido pelo apresentador e que não recebe ilustração com imagens nem arte.

9 Equipe de televisão que vai à rua gravar imagens. Geralmente, é composta por cinegrafista, assistente e um repórter. Na TV Cabo Branco, em alguns casos, o repórter é substituído por um produtor ou por um estagiário da redação.

10 Entrevista gravada fora do estúdio.

Também ficou definido que, para o estúdio, seriam convidados um representante da Polícia Militar, um cientista político e um especialista em segurança pública. Com eles ficariam a discussão sobre as manifestações no Sudeste do país e, também, os comentários sobre situações locais de descaso público, mostradas com frequência pelo telejornal do meio-dia e que se encaixavam perfeitamente nos temas reclamados pela população durante as manifestações.

Para dar mais dinamismo à entrevista e agregar conteúdo, foi decidido pela editora-chefe que, pouco antes e durante a conversa no estúdio, seriam exibidas algumas sonoras e imagens sobre temas, como: saúde, problemas com transportes públicos e acessibilidade para usuários de cadeira de rodas.

No caso foram selecionados para exibição o vídeo disponibilizado por Paola Janaína, na rede social, exibido pela manhã no Bom Dia Paraíba e as imagens enviadas pela telespectadora Ângela Medeiros, que também tinham ganho destaque no primeiro jornal daquele dia na emissora. A escolha desse material foi planejada levando em conta a força das imagens, naquele momento de mobilização por melhoria no transporte público, e o fato delas terem sido usadas na rede social e enviadas por uma telespectadora, via *e-mail*.

Em determinado momento da manhã foi sugerida a possibilidade de colocar o prefeito ao vivo, no *link*¹¹ do telejornal, anunciando a redução no valor da tarifa de ônibus. A ideia da editora-chefe era oferecer um material diferenciado das outras emissoras. Uma entrevista ao vivo certamente renderia muito mais informações, teria mais qualidade técnica e se destacaria do material que seria exibido pelas concorrentes, a coletiva, com imagens e áudio poluídos. A chefe de redação, Giulliana Costa, passou a buscar esse ao vivo, entrando em contato com a assessoria do prefeito e com o secretário de Comunicação da Prefeitura de João Pessoa.

A partir dessas definições, editores assistentes¹² passaram a trabalhar nas ilhas de edição¹³ com materiais sem ligação com as manifestações, mas que faziam parte do telejornal, para evitar congestionamento de edição, nos momentos finais de preparação

11É quando o repórter entra ao vivo no telejornal, no momento exato que a entrevista está sendo feita, por exemplo.

12São os editores que auxiliam os editores-chefes de cada telejornal. Eles são responsáveis pela edição das reportagens nas ilhas de edição, pela correção dos textos dos repórteres e pelos textos que são lidos pelos apresentadores durante o telejornal. Além disso, indicam pautas e definem temas que serão abordados.

13Local da emissora de televisão onde as reportagens são editadas e todas as imagens são preparadas para exibição nos telejornais. No período das manifestações, a TV Cabo Branco tinha quatro ilha de edição.

do telejornal. Enquanto isso, as informações iam chegando à redação e, dentro do que foi planejado e do que ia se modificando a cada momento, a editora-chefe do telejornal fechou o *prelim*¹⁴, definindo uma ordem para exibição de todo o material que iria ao ar no JPB Primeira Edição daquele início de tarde.

O telejornal do meio-dia da TV Cabo Branco de 18 de junho de 2013 começou com uma entrada ao vivo, com participação do prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo. Uma das perguntas mais importantes naquele momento era se o prefeito tinha tomado a decisão de reduzir o valor das passagens para conter o movimento, previsto para o dia 20. A indagação foi feita no vivo no JPB Primeira Edição, mas Luciano Cartaxo negou. Disse que a redução já vinha sendo pensada e que tinha relação com o corte de alguns impostos, feito dias antes, pelo Governo Federal.

A entrada ao vivo do prefeito foi seguida por um outro *link* com os estudantes, que estavam organizando a mobilização do dia 20, imagens dos vídeos da internauta Paola Janaína e da telespectadora Ângela Medeiros e com as entrevistas de estúdio com o cientista político, Jaldes Menezes; o coronel Euler Chaves, comandante da Polícia Militar e Deusimar Guedes, especialista em segurança pública, discutindo as manifestações ocorridas no Sudeste do país e a expectativa para o movimento do dia 20, em João Pessoa. O tema foi abordado durante 14 minutos, o que representou 37,83% do tempo total do programa jornalístico.

No mesmo dia, no jornal da noite, o JPB Segunda Edição, que foi ao ar às 19h15, o tema manifestações e redução das passagens de transportes coletivos teve três minutos, dos 16 abertos pela Rede Globo para o telejornal local. Ou seja, 18,75% do JPB. Para que possamos compreender melhor o tempo dado por cada editor de telejornal ao tema manifestações e redução da tarifa dos transportes coletivos no dia 18 de junho, segue um quadro demonstrativo:

	Tempo total	Tempo para o tema	% do tema no telejornal
Bom Dia Paraíba	48'07"	2'37"	5,00%
JPB 1	37'34"	14'	37,83%
JPB 2	16'	3'	18,75%

Mas, bem antes do jornal da noite do dia 18 ir ao ar, ainda no início da tarde, ao final do JPB Primeira Edição, a equipe de produtores e editores da TV Cabo Branco já

¹⁴ *Prelim* ou espelho do telejornal é a lista numerada das reportagens, notas cobertas e notas peladas, com tudo que será exibido dentro de uma ordem definida pela editora-chefe e sua equipe. É a capa do roteiro do telejornal.

começou a pensar e a planejar a cobertura do dia 20 de junho de 2013, como veremos em seguida.

3. O planejamento, a véspera da manifestação e o dia da cobertura

A tarde do dia 18 de junho foi de preocupação e início do planejamento da cobertura do dia da mobilização. Durante a entrevista ao vivo dos estudantes envolvidos com o movimento, no JPB Primeira Edição, eles garantiram que participariam à tarde de uma reunião, com a Polícia Militar, para definir as ruas por onde os manifestantes iriam passar. Porém, pouco tempo depois do fim do jornal, os estudantes decidiram não mais participar dessa reunião e não divulgaram o percurso completo do protesto.

Sabia-se que iriam concentrar os grupos em frente ao Lyceu Paraibano, seguiriam para o Parque Solon de Lucena, passariam pelo Palácio da Redenção e de lá iriam para a orla da capital. Mas, não se sabia por quais ruas, exatamente, seguiriam. Em uma rede social foi postada a informação que um grupo passaria pela porta da TV Cabo Branco e isso gerou preocupação.

No mesmo dia, em São Paulo, um carro de uma emissora de TV¹⁵ foi queimado. Além disso, jornalistas já tinham sido hostilizados por manifestantes, inclusive profissionais da Rede Globo¹⁶. Era preciso cuidar da segurança dos profissionais e da emissora. A partir daí várias decisões foram tomadas.

Normalmente, à tarde a TV Cabo Branco trabalha com três equipes de externa e, à noite com mais duas. No dia da manifestação a chefe de redação, Giulliana Costa, e a editora regional de Jornalismo, Tatiana Ramos, decidiram colocar, inicialmente, quatro equipes à tarde. Além disso, teríamos também um cinegrafista de moto, para trabalhar mais próximo da polícia, e um *motoboy* para recolher com mais agilidade as fitas de cada repórter na rua.

Na manhã do dia 19 de junho, a Rede Globo mostrou interesse em ter a cobertura da manifestação de João Pessoa, pediu o repórter de Rede¹⁷ e decidiu manter

15<http://oglobo.globo.com/pais/manifestantes-tentam-invadir-apedrejam-prefeitura-de-sp-8732330> acessado em 15/07/2013.

16<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-17/caco-barcellos-e-hostilizado-por-manifestantes-em-sao-paulo.html> acessado em 15/07/2013.

17 São repórteres preparados pela Rede Globo para entrar nos telejornais nacionais da emissora. No caso da TV Cabo Branco, Bruno Sakaue, Hildebrando Neto e Laerte Cerqueira foram preparados para essa

aberto, durante todo o dia, o canal para ao vivo¹⁸. Normalmente este canal é aberto quando temos algum material para gerar, ou seja, por tempo limitado. Só em casos excepcionais a Rede abre o sinal de vivo durante todo o dia.

Pelas redes sociais se observava um crescimento do movimento em João Pessoa e, a partir daí, a editora regional de Jornalismo e a chefe de redação acharam importante termos imagens aéreas do movimento. Foi decidido que teríamos um helicóptero na cobertura com mais uma equipe, a quinta, esta com o repórter de Rede, Bruno Sakaue e o cinegrafista Alexandre Frazão. A TV Cabo Branco não tem helicóptero e a Tatiana Ramos precisou convencer a direção da empresa a alugar e conseguir uma aeronave, na véspera do movimento. Deu certo.

Os horários dos editores de texto e de imagens também sofreram modificação no dia do protesto em João Pessoa. Foi decidido que uma das editoras assistentes do JPB Primeira Edição, eu mesma, em vez de entrar às 7h30 da manhã, entraria às 13h. Sob minha responsabilidade ficaram os *flashes*¹⁹ locais, que seriam ao vivo, e o apoio ao editor-chefe do JPB Segunda Edição, Eisenhower Almeida. Giovana Rossini, outra editora assistente do JPB Primeira Edição, que normalmente trabalha a partir das 11h da manhã, no dia 20 foi deslocada para trabalhar à noite. O objetivo era adiantar a edição das reportagens do telejornal de meio-dia de 21 de junho. Dois editores de imagens também tiveram seus horários modificados para atender a essas editoras.

Além de definir as equipes e as mudanças nos horários do pessoal do jornalismo, a chefe de Redação e a editora regional de Jornalismo decidiram pedir segurança para a equipe que ficaria no carro de ao vivo, fazendo os *flashes* em frente ao ponto de concentração. Também ficou definido que as equipes trabalhariam em carros alugados, sem a marca da emissora. Inicialmente, todos foram para a rua com fardamento e canopla²⁰ nos microfones. A Rede Paraíba de Comunicação também contratou seguranças para trabalhar na frente do prédio onde funcionam a TV Cabo Branco, o Jornal da Paraíba, o G1 Paraíba e as emissoras de rádio FM Cabo Branco e CBN.

Ainda na tarde do dia 18 de junho, a editora regional de Jornalismo da TV Cabo Branco recebeu um *e-mail* da Rede Globo reforçando a recomendação sobre a

atividade, porém, cada telejornal da Rede Globo pode solicitar o repórter que achar mais apropriado para ele e a emissora local, em alguns casos, indica outros repórteres para entradas nos telejornais da Rede.

18 Canal da Embratel para entradas ao vivo na Rede Globo.

19 Entrada do repórter, neste caso ao vivo, dando informações do local da manifestação.

20 É a parte do microfone, geralmente em formato de cubo, que recebe a marca da emissora de televisão.

abordagem do tema manifestações. A partir daquele momento, era importante mais cautela. Deveríamos informar o que iria mudar na rotina da cidade, no dia da manifestação, mas tendo o cuidado para não convocar o cidadão. A orientação da Rede fazia sentido pois, nas redes sociais, muitos acusavam a Globo de instigar o movimento e a violência no Sudeste.

Na realidade, em nenhum momento a afiliada de João Pessoa recebeu orientação da Rede Globo para incentivar nem para boicotar o movimento. O que deveríamos fazer era informar o que fosse importante para o cidadão naquele momento. Se ele iria ficar sem ônibus, quais as vias que seriam interditadas, se haveria policiamento nas ruas, ou seja, serviço, se havia quebra-quebra, e como a maioria dos manifestantes tinha participado do protesto. No dia da manifestação a cobertura deveria mostrar todos os lados e assim foi feito.

Um fato curioso e inédito nessa cobertura: as emissoras de televisão de João Pessoa (TV Tambaú, TV Correio da Paraíba, TV Arapuan e TV Cabo Branco) decidiram colocar as Unidades de *link*²¹ juntas, num mesmo ponto, por receio de uma represália dos manifestantes. A sugestão veio do editor de jornalismo da TV Tambaú, José Valdez, que ligou para as outras emissoras. A ideia foi aceita, como mostra a imagem a seguir.

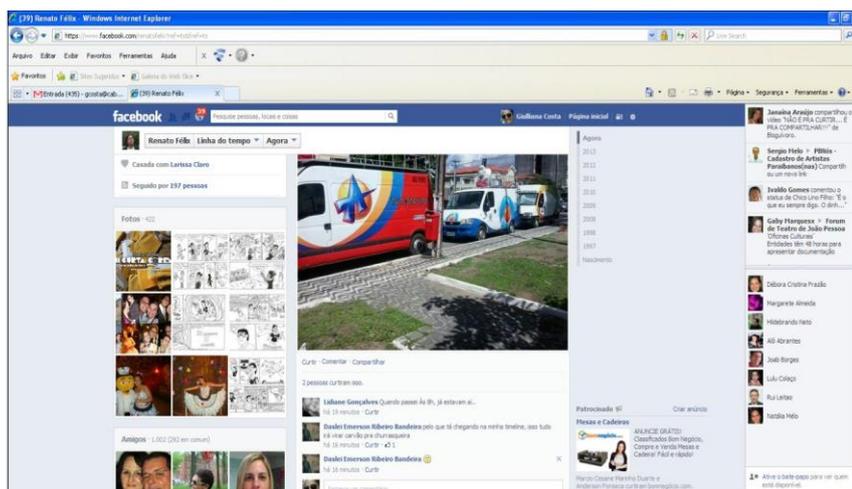


Imagem postada no *Facebook* do jornalista Renato Félix

21 Veículos preparados com antenas e equipamentos especiais para geração do sinal de coberturas ao vivo. Os repórteres ficam sempre próximos a essas unidades. No caso da TV Cabo Branco, além do cinegrafista, do assistente de externa e do repórter, mais um técnico de manutenção trabalha na unidade para garantir a exibição.

O comentário de um internauta chamou a atenção naquele momento. Daslei Emerson Ribeiro Bandeira insinuou, claramente, que os carros de *link* das emissoras seriam queimados. Isso, aparentemente, gerou inquietação em quem comanda as emissoras de comunicação na capital paraibana. Os carros foram disponibilizados no Lyceu só durante as primeiras horas da manhã. Mas, no momento da manifestação, apenas o carro da TV Cabo Branco se manteve no ponto próximo ao local de concentração dos manifestantes.

Outra informação curiosa: a postagem anterior foi retirada da página do *Facebook* do jornalista Renato Félix. Só conseguimos a imagem porque a jornalista Giulliana Costa tem como hábito fazer *print* das páginas que chamam a atenção dela nas redes sociais.

No dia 19, o Bom Dia Paraíba, o JPB Primeira Edição e o JPB Segunda Edição abriram espaços para os serviços e as orientações sobre os protestos. Ao todo, foram cinco minutos de informações nos três telejornais da TV Cabo Branco.

Já no dia 20, dos 45'47" do Bom Dia Paraíba apenas dois minutos foram dedicados aos serviços da manifestação. Já o JPB Primeira Edição, abriu pouco mais de seis minutos dos 40'10" do telejornal. Entre as notícias sobre o movimento estava a pichação do Lyceu Paraibano. A escola estadual mais antiga da cidade, ponto de concentração dos manifestantes no protesto marcado para as 14h deste dia, amanheceu pichada.

Na manhã do dia 20 foram preparadas as pautas para cada repórter e definido o que seria produzido para o JPB Segunda Edição, o primeiro telejornal após a manifestação. Na produção também houve mudança de horário neste dia. A chefe de produção da manhã, Cláudia Richelle, que normalmente trabalha até às 14h, ficou na redação até às 17h, para coordenar a saída das equipes e acompanhar o que estava sendo feito e acontecendo na rua. Já a chefe de produção da tarde, Keli Farias, entrou às 17h, para dar seguimento ao trabalho de Richelle e ficar até mais tarde na redação, dando cobertura às equipes de externa.

Também estavam programadas para o mesmo dia manifestações em Campina Grande, Patos e Sousa, no interior do Estado. Essa cobertura foi organizada pela equipe da TV Paraíba, sob o comando da editora regional de Jornalismo, Tatiana Ramos. Tudo

estava preparado para garantir uma boa cobertura estadual das manifestações no telejornal da noite e nos do dia seguinte.

4 . Manifestação popular, hostilização à imprensa e o trauma de não ver a cobertura local no ar

A tarde da manifestação começou com ligações falsas para a redação denunciando vandalismo, em uma praça no bairro dos Bancários. Nada se confirmou. As primeiras imagens que chegaram à redação dos manifestantes foram feitas pelo cinegrafista Walter Paparazzo, no bairro de Jaguaribe. Estudantes com faixas e gritando palavras de ordem saíram desse, que é um dos bairros mais antigos da capital paraibana, em direção ao local da concentração.

As imagens foram exibidas durante o primeiro *flash* ao vivo do repórter Hildebrando Neto. Nesse ao vivo, que foi ao ar dentro do primeiro intervalo comercial do Vídeo Show, também foram exibidas imagens da câmera instalada no alto da torre da TV Cabo Branco, que mostravam os primeiros manifestantes chegando ao Lyceu Paraibano e a interdição do trânsito de veículos na área próxima à escola.

Depois deste *flash* o mesmo repórter fez mais dois *flashes* locais, um Nacional para o Globo Notícia e outros dois para a Globo *News*. Hildebrando Neto ficou no carro do vivo, numa plataforma montada especialmente para essas entradas. A Unidade de ao vivo, que durante toda a manhã estava bem em frente à calçada do Lyceu, foi deslocada para o outro lado da rua, para facilitar uma saída de emergência, caso houvesse necessidade. Mas, nesse ponto tudo ocorreu tranquilamente. O repórter e a equipe de técnicos trabalharam sem imprevistos. Porém, pela quantidade de entradas ao vivo foi necessário repassar a pauta do repórter, a matéria sobre a concentração, para outro profissional. Esta foi apenas a primeira mudança no planejamento para a cobertura daquele dia.

Quem assumiu a pauta de Hildebrando Neto foi a repórter Zuila David, que inicialmente faria uma matéria do alto dos prédios e dos detalhes da manifestação. Ela acabou entregando para o JPB Segunda Edição uma reportagem sobre a concentração e a saída dos manifestantes do Lyceu.

Larissa Pereira conseguiu concluir a matéria sobre o fechamento das lojas do Centro da cidade, pouco antes da manifestação, e seguiu para fazer o material sobre a concentração. Só que esta pauta ela não conseguiu fazer. Desde os primeiros momentos da chegada da equipe ao Lyceu Paraibano, um pequeno grupo de manifestantes começou a insultar a equipe da TV Cabo Branco. Por várias vezes, a repórter, Larissa Pereira, o cinegrafista, Wellington Campos, e o assistente, Jardel Manguera, tentaram gravar entrevistas e passagem²², mas foram impedidos. No mesmo instante a repórter entrou em contato com a redação e a chefia recomendou que ela fosse para outro ponto do protesto e fizesse um pré-gravado²³. O tempo exíguo não permitia que fosse feita uma reportagem mais completa.

De nada adiantou a equipe mudar de lugar, pois, o pequeno grupo de manifestantes seguiu e impediu os profissionais de trabalhar, gritando insultos durante as tentativas de gravações. Segundo Larissa, a equipe chegou a ser encurralada, em frente ao Palácio da Redenção, por mais de 500 pessoas, que foram incentivadas pelo pequeno grupo inicial a insultar e agredir os profissionais.

O cinegrafista e o assistente de externa receberam socos nas costas e foram atingidos por garrafas plásticas, a repórter escapou dessas agressões porque foi protegida pelos colegas. “Naquele momento o meu sentimento era de terror. Temia que eles estivessem com pedras, facas ou armas de fogo”, lembra Larissa Pereira. Mesmo com muito medo, a equipe conseguiu registrar parte da hostilidade sofrida e foi esse material que acabou sendo levado para exibir no telejornal da noite.

A equipe de Larissa Pereira só conseguiu sair da manifestação depois que a polícia interveio. Por segurança, os profissionais voltaram para a emissora dentro de um carro da Polícia Militar. Muito assustada e nervosa, a repórter precisou ser retirada da cobertura. Cinegrafista junto com assistente foram orientados a tirar a canopla e a farda da empresa, e voltaram para a rua com uma jornalista/produtora, que não costuma aparecer no vídeo, para garantir a cobertura do protesto.

A mesma estratégia teve que ser usada com a equipe da repórter Zuila David. Ela ainda conseguiu fechar a reportagem sobre a concentração dos manifestantes e outra, sobre a passagem deles por ruas do Centro até a chegada ao Palácio da Redenção.

²²Parte da reportagem quando o repórter aparece no vídeo dando alguma informação.

²³Quando o repórter faz uma passagem maior, resumindo o que aconteceu naquele local. Em alguns casos, na hora da edição, são inseridas imagens e sonoras nesse material.

Esta última matéria mostrava pequenos grupos quebrando vidraças de um estabelecimento comercial e manifestantes destruindo lixeiras públicas. As imagens da violência no Centro foram registradas pelos cinegrafistas Severino Ramos e Walter Papparazzo.

“Já vivi muita coisa nesses anos trabalhando nas ruas como cinegrafista, mas nunca vi nada igual. Fomos agredidos num momento que estávamos fazendo a nossa parte, a nossa obrigação profissional”, relatou o cinegrafista Severino Ramos que, junto com o assistente Raphael Barbosa e a repórter Zuila David precisou da ajuda da polícia para conseguir sair da manifestação e também voltou para a sede da TV Cabo Branco dentro de um carro da Polícia Militar. A repórter foi trocada por uma jornalista/produtora e o cinegrafista junto com o assistente voltaram à rua sem farda e sem a canopla.

Pelo que acompanhamos nas redes sociais e nos jornais das outras emissoras, profissionais da imprensa de outros veículos também foram hostilizados. Alguns foram xingados com palavras de baixo calão, mas não tivemos notícia de agressões físicas graves.

Neste momento, a chefe de redação decidiu mudar, também, a pauta do repórter Antônio Vieira. Este, inicialmente, estava designado para cobrir o cotidiano da cidade fora da manifestação. Diante dos novos fatos, a equipe de Antônio Vieira foi relocada para o Busto de Tamandaré, ponto da orla da capital onde terminaria a manifestação.

Do alto, no helicóptero, o repórter de Rede Bruno Sakaue e o cinegrafista Alexandre Frazão conseguiram registrar a multidão que foi às ruas na capital paraibana, em 20 de junho de 2013. As imagens foram um diferencial na cobertura da manifestação em João Pessoa, a TV Cabo Branco foi a única a levar essas imagens ao telespectador.

No início da tarde, a concorrência chegou a fazer uma “brincadeira” ao vivo, no estúdio, garantindo que era a primeira emissora a mostrar imagens aéreas da concentração da manifestação. Enquanto o apresentador falava no estúdio e mostrava imagens do alto, um áudio da hélice de um helicóptero, em funcionamento, era ouvido ao fundo. Uma terceira emissora mostrou o cinegrafista forjando as imagens “aéreas” do alto de um prédio próximo à concentração, como se estivesse em um helicóptero. Quando desfeita a farsa, a cena ocupou as redes sociais chegando ao topo do *twitter*

nacional, naquele dia, e ganhando o *Top Five* de um programa de humor na TV²⁴, que premia os maiores absurdos dos programas de televisão do país durante a semana, sempre às segundas-feiras.

Enquanto as equipes estavam nas ruas, na TV Cabo Branco, tudo era acompanhado pelos editores, pelos produtores e pela chefia de redação. As reportagens só começaram a chegar depois das 17h e o editor-chefe do telejornal ia modificando o *prelim* a cada nova mudança que a ocasião exigia. Foi uma tarde tensa, todos preocupados com os colegas nas ruas e com a qualidade do conteúdo que iria ao ar nos *flashes* ao vivo e no telejornal. Além disso, outras manifestações ocorriam pelo país naquela mesma tarde do dia 20 de junho e, em alguns locais, houve violência.

O horário do telejornal da noite ia se aproximando e, a cada momento, a Rede exibia mais imagens dos protestos pelo país. Em um determinado momento, o coordenador de exibição da TV Cabo Branco foi informado que a Rede Globo não iria mais exibir a novela das seis horas, *Flor do Caribe*, para continuar com a cobertura nacional dos protestos. Isso poderia mudar o tempo do telejornal local e o editor-chefe do JPB Segunda Edição foi avisado que tanto poderia haver um aumento quanto uma redução desse tempo.

A partir daí os editores e as chefias da redação e do jornalismo ficaram em alerta. Diante das imagens mostradas, em várias cidades do país, todos compreenderam que a exibição do telejornal local estava em risco e poderia ficar comprometida, com um tempo bastante reduzido. Além disso, a produtora de rede, Jô Vital, foi orientada pela editora regional de Jornalismo a conseguir uma entrada ao vivo da Paraíba, dentro da cobertura nacional das manifestações, que tinha tomado conta da Globo²⁵. Isso não aconteceu. A Rede não abriu espaço para João Pessoa nesse horário.

O Editor-Chefe do JPB Segunda Edição fechou o *prelim*, imprimiu o *script*²⁶ e seguiu para a produção²⁷ para colocar o jornal no ar. A cada segundo chegava uma informação nova da Rede Globo e a última delas surpreendeu todos os envolvidos

24<http://cqg.band.uol.com.br/top-five/14569265/helicoptero-fajuto-e-o-campeao-do-top-five.html> acessado em 15/07/2013.

25http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed752_globo_abandona_grade_do_horario_nobre acessado em 15/07/2013.

26 Roteiro do telejornal que é impresso e entregue a todos os técnicos envolvidos na exibição do telejornal e ao apresentador.

27 Sala da TV Cabo Branco de onde o jornal é cortado e exibido para chegar à casa do telespectador.

naquela operação de exibição do telejornal. A Globo decidiu ocupar o tempo dos telejornais locais de todo o país com a cobertura nacional da manifestação e, excepcionalmente, numa situação que nunca se viu na emissora, seguiu com essa cobertura até o Jornal Nacional deixando de exibir, também, a novela das 19h, *Sangue Bom*. Tudo, inclusive a comercialização da emissora, foi substituído pela transmissão ao vivo.

O que segue abaixo é o depoimento do editor-chefe do JPB Segunda Edição, Eisenhower Almeida, e que certamente representa o sentimento dos editores-chefes dos telejornais locais de todo o país que, naquele dia, prepararam um telejornal local que não foi ao ar, em uma noite que os telespectadores das cidades onde havia manifestações esperavam ansiosos pela cobertura local:

“Todo editor de fechamento sente um friozinho na barriga quando prepara um telejornal. E no dia das manifestações a preocupação era maior. Todas as pautas estavam voltadas para o evento. E não sabíamos ao certo o que iria acontecer nas ruas. Depois das capitais do Sudeste, era a vez dos paraibanos protestarem.

Montamos um esquema para garantir a cobertura total. Foi um corre-corre daqueles que muitos jornalistas gostam nas redações. Sempre em contato com os repórteres por telefone. A pressa em querer o off²⁸. Repórter gravando texto num canto da rua para evitar ruídos (não tinha condições logísticas de voltar para a redação). A expectativa de que Bruno Sakaue conseguiria mesmo gravar um *stand up*²⁹ do helicóptero.

Bem... a tarde foi passando e tudo foi se encaixando. Aí soubemos que a repórter Larissa Pereira foi hostilizada por manifestantes. Ela não tinha condições psicológicas de fechar mais um material para o jornal (ela já havia fechado um primeiro VT). E rapidamente encontrou-se a solução para dar o caso no jornal.

Estava tudo certo até dentro do prazo, sem muitos atropelos. Eis que recebemos a notícia de que a novela das 6h havia sido interrompida para a transmissão das manifestações pela Globo. E que da transmissão ia direto para o jornal. Isso iria aumentar o tempo do jornal.

28 Texto do repórter que faz parte da reportagem e que é revisado pelos editores antes de ser gravado.

29 Quando o repórter grava o texto aparecendo a maior parte do tempo no vídeo. Assim, passa todas as informações sem necessidade de gravar off.

Tínhamos material dos protestos em Campina Grande e em outras cidades do Estado para ajudar a preencher o fade³⁰. Estávamos com a cobertura estadualizada do movimento. Aí, fomos informados que o fade havia diminuído, mas ainda ficamos com um bom tempo para dar a cobertura de João Pessoa. Os minutos foram passando e nada de a Globo abrir o fade, até que veio a notícia de que o jornal poderia não ser exibido. Pouco tempo depois a confirmação.

Se aquele dia era histórico para o Brasil, também era para nós. Não havia JPB Segunda Edição naquela noite. Saí desolado do Controle Mestre,³¹ quando recebi a notícia. Confesso que até com vergonha de dar a notícia aos meus colegas. Pelo que me lembro, na verdade nem dei. Foi o coordenador da exibição quem confirmou para eles.” Eisenhower Almeida – Editor-Chefe do JPB Segunda Edição.

O sentimento de desolação do editor-chefe já tinha tomado conta dos jornalistas que estavam na redação da TV Cabo Branco, naquela noite. Ninguém queria acreditar no que estava acontecendo. Uma grande operação foi montada durante dias e, em um segundo, descobriu-se que nada iria ao ar no telejornal de maior audiência da emissora.

Os telefones da redação não paravam. A cada instante um telespectador ligava perguntando pelo telejornal, querendo saber o que estava acontecendo. Coube a quem estava na redação explicar a decisão da Rede Globo e garantir que toda a cobertura estaria nos telejornais do dia seguinte.

E foi exatamente isso que aconteceu. O Bom Dia Paraíba do dia 21 de junho de 2013 trouxe a cobertura completa da manifestação na capital e nos municípios paraibanos. Dos 46'56" do tempo do telejornal, 24' foram dedicados à cobertura das manifestações locais. Nos telejornais seguintes a cobertura se repetiu com destaque.

No JPB Primeira Edição aquela era uma sexta-feira especial, pois o jornal deveria ser totalmente transmitido de Campina Grande, com atrações juninas e, unicamente, os fatos mais relevantes da manhã. Era dia do “JPB São João”³², mas, os fatos da quinta-feira, 20 de junho de 2013, superaram o que estava programado e

30 É o espaço aberto pela Rede para exibição do telejornal e dos comerciais locais.

31 Local onde é feito o controle de tudo que é exibido pela emissora e no qual ocorre a comunicação entre a emissora local e o Controle Mestre Rede Globo.

32 No mês de junho, todas as sextas-feiras o JPB Primeira Edição é transmitido de Campina Grande. São programas especiais, programados com antecedência e que valorizam as festas juninas.

planejado para o dia 21. Dos 34'22” abertos pela Rede para o JPB Primeira Edição, 17' reportaram as manifestações da tarde do dia anterior.

E o JPB Segunda Edição encontrou uma forma diferente de destacar a manifestação. O editor-chefe optou por exibir *clips*³³ com pouco mais de um minuto, cada, antes das duas passagens de bloco³⁴, com imagens e áudios das manifestações em João Pessoa. Antes da entrada dos *clips* foi dada uma explicação ao telespectador. O texto antes da primeira entrada foi o que segue abaixo.

“Ontem, por causa da transmissão nacional das manifestações em várias capitais e cidades brasileiras, o JPB Segunda Edição não foi exibido. Para o jornal desta sexta-feira, nós separamos as melhores imagens e depoimentos gravados pelas equipes da TV Cabo Branco, desde o início da tarde até o término da caminhada, no Busto de Tamandaré. Veja a primeira parte agora.”

E esta foi a forma encontrada pelos profissionais da TV Cabo Branco para levar aos paraibanos as imagens e os fatos daquele dia 20 de junho de 2013.

No dia seguinte, a gerência de Programação da Rede Globo entrou em contato com a direção do jornalismo local e pediu uma avaliação do que tinha ocorrido, como as pessoas tinham recebido aquela decisão de exibir a cobertura nacional e não deixar espaço para o telejornal local, para balizar futuras decisões. A editora regional de jornalismo informou que a repercussão tinha sido muito negativa e lembrou o grande número de ligações e reclamações recebidas pela redação, naquela noite, além da frustração dos profissionais envolvidos na cobertura.

5. Apontamentos finais:

Como funcionária da TV Cabo Branco, com mais de 20 anos de casa, afirmo que a afiliada mobilizou-se, envolveu vários departamentos e deu todo o apoio ao jornalismo para que, no dia 20 de junho de 2013, fosse feita uma grande cobertura das

33 Edição que reúne áudio e imagens, sem texto. O áudio pode ser o da imagem ou uma música e junto com as imagens transmitem uma mensagem determinada. No caso em questão, a participação dos paraibanos na manifestação do dia 20/13/2013.

34 Momento em que o apresentador diz quais os destaques do bloco seguinte e entram os comerciais.

manifestações por melhorias no sistema de transporte público e outros serviços. Recebemos tudo que pedimos: do *motoboy* ao helicóptero.

Cada profissional chamado para trabalhar estava lá, disposto a fazer o melhor e em alguns casos, arriscar a vida para garantir uma cobertura de qualidade. Até quem não foi chamado não se furtou ao trabalho, como o caso da apresentadora e repórter Patrícia Rocha. Ela não foi convocada, mas passou a tarde na empresa adiantando o *prelim* do telejornal, a ser apresentado no dia seguinte, o Bom Dia Paraíba, e ajudando a produção nos contatos com as equipes que estavam na rua.

Na verdade era lá fora que Patrícia queria estar. Em determinado momento da tarde ela virou para mim e disse “Não sei como vocês aguentam ficar aqui dentro, enquanto tudo está acontecendo lá fora. Eu quero ir pra rua!” Eu sorri e disse: “Amiga, esta é nossa agonia diária. Sabemos que tudo está acontecendo lá fora, há momentos em que desejamos ir lá fora, mas compreendemos que é preciso ter alguém aqui dentro, para organizar o que vem da rua e levar o melhor para os telespectadores, em tempo e no prazo que temos, durante a manhã ou à tarde, para deixar tudo pronto. Cada um faz a sua parte e precisa administrar as suas agonias. Acalme seu coração”.

Não consigo esquecer os rostinhos dos jornalistas mais novos da redação, que em nenhum momento imaginavam que o jornal poderia não ir ao ar. Para quem estava ali há muito tempo, essa possibilidade passou a ser real quando observamos o movimento de exibição da Rede Globo. Porém, mesmo os mais antigos, diante dos fatos locais daquele dia, tinham a esperança de que a Programação da Rede deixaria pelo menos alguns minutos para as emissoras mostrarem os protestos das suas cidades. Não foi o que aconteceu.

Como jornalista só pensava nos telespectadores fiéis, naqueles que não paravam de ligar querendo uma explicação e reclamando. Procurei dar ainda mais atenção a cada um que atendi naquele dia. Como cidadã paraibana compreendia todos eles. Era um momento histórico, a Paraíba tinha demorado para entrar no processo das manifestações, mas entrou, e, naquele dia, todos queriam ver como nosso povo tinha se comportado, o que tinha acontecido naquela tarde, em cada canto da cidade e do Estado onde houve protesto.

Confesso que, como jornalista e cidadã, me emocionei ao ver na ilha de edição aquelas imagens. E foi lindo ver as pessoas na rua de forma civilizada, pedindo o que é

direito e deveríamos ter desde sempre: saúde, educação, transporte público. Além disso, observar que aquela multidão também queria algo que acho fundamental para o país: mudanças no comportamento dos políticos. Acredito que o recado das ruas foi simples: se vocês não mudam, nós mudamos vocês. Claro que não aceitamos, nem gostamos de ver as agressões físicas e verbais aos nossos colegas, mas compreendemos que esse foi um comportamento isolado e de uma minoria.

De uma maneira geral, a Paraíba deu exemplo de bom comportamento na manifestação de 20 de junho de 2013. Uma imagem marcante do que falamos aqui foi a de cidadão distribuindo rosas com os policiais que trabalhavam, para dar segurança a todos. Segundo balanço da Polícia Militar, nenhum fato mais grave foi registrado durante os protestos.

Enquanto funcionária, não posso julgar a decisão da Rede Globo de mudar toda a grade de programação e não deixar espaço para as emissoras locais exibirem seus telejornais naquele dia, mas, como cidadã, posso afirmar que o sentimento da maioria dos paraibanos, naquele dia, foi de desrespeito. A jornalista compreende o peso da cobertura nacional da manifestação e a decisão tomada, por quem comanda a Globo, mas, a paraibana gostaria muito de ter tido o direito de assistir à cobertura local, com as imagens da minha cidade, no JPB Segunda Edição, naquele dia histórico.